

reportagem cultural

Sopro de qualidade na música popular

Marcello Campos, especial para o JC *

Quando Dante Santoro se estabeleceu no Rio de Janeiro, em 1933, o cenário era de ebulição musical. A radiodifusão se expandia, a indústria fonográfica ganhava força e o samba alcançava um público cada vez maior. Lugar e momentos certos, portanto, para um talento fora de série como o de Dante Santoro. Aos 29 anos, o gaúcho passou a soprar na então capital do País as notas que o consolidariam ao longo das décadas seguintes como um dos mais produtivos nomes da Era de Ouro das transmissões.

Ele atuou mediante cachê na programação de emissoras como Cajuti, Philips, Guanabara e Educadora, até dar mais um passo

decisivo na carreira, em 1º de setembro de 1936: o ingresso como funcionário da recém-inaugurada Rádio Nacional, junto a colegas igualmente geniais – como o pianista conterrâneo Radamés Gnattali (1906-1988) – e que ajudariam a definir a identidade sonora de uma estação de audiência potencializada após sua encampação pelo governo de Getúlio Vargas, quatro anos depois.

Técnica e versatilidade na flauta transversal encontraram nos estúdios e palcos um ambiente sob medida para performances com orquestra e outras formações. Em 1938, assumiu o comando do conjunto regional da emissora – configuração caracterizada por instrumentos de cordas dedilhadas, sopro

e percussão, em gêneros como samba e choro. O ‘Regional de Dante Santoro’ não demoraria a aparecer em anúncios de jornais e etiquetas de faixas de discos de 78 rotações de gravadoras como Odeon, RCA-Victor, Continental e Sinter.

Garantindo a cama sonora para vozes como Francisco Alves e Orlando Silva, o ‘Canário Rio-grandense’ ganhou novo apelido: ‘Bico de Ouro’, onipresente como solista, arranjador e *bandleader*. Em depoimento de 2011 à pesquisadora Larena Franco de Araújo, Jorginho do Pandeiro (1930-2017) lembrou o que testemunhou como integrante do núcleo na década de 1950. “A rotina era puxada, com ensaios, apresentações, acompanhamentos e a necessidade de estar sempre pronto a tocar. Ele chegava pela manhã, permanecia na emissora até o encerramento da programação vespertina e retornava ao fim da tarde para os programas noturnos. Aos domingos, o expediente também começava cedo (...)”.

A tese de doutorado da pesquisadora goiana detalha as principais qualidades da “flauta mágica” de Santoro: “Sua sonoridade é incisiva, com notável homogeneidade entre registros graves, médios e agudos, fraseado de articulação precisa e variada, além do uso de timbre escuro (mais quente e avulso) e do pioneirismo



Flautista chegou ao Rio em 1933; anos depois, se consolidou na Rádio Nacional

em técnicas como a respiração contínua. Também evidencia elementos inspirados na música de concerto, com uso imaginativo em introduções, passagens virtuosísticas e efeitos sonoros”.

Ainda segundo Larena, Dante possivelmente tenha sido o primeiro a registrar em disco no País uma música com o mencionado recurso da respiração con-

tínua, de difícil execução e por meio do qual o instrumentista respira e tocar ao mesmo tempo, sem pausas. “Trata-se do choro *Desafio para Flauta e Pandeiro*, peça autoral gravada ao vivo na Rádio Nacional em 1939 e jamais lançada comercialmente, porém disponível no acervo do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro [MIS-RJ]”, revela.



Dante nos anos 1920, em trio com Octavio Dutra (à direita)

O compositor

Faceta desenvolvida desde a juventude, a composição de temas instrumentais rendeu mais de 100 choros, valsas e peças de outros gêneros, além de eventuais canções criadas a quatro mãos. No catálogo estão gemas como *Harmonia Selvagem*, amostra de um virtuosismo de espaço cativo no repertório de gerações posteriores. O gaúcho radicado no Rio também evocou a terra natal, em regravações de Octávio Dutra ou nos títulos *Mate Amargo* e *Minuano Triste* – fruto de uma nostalgia aplacada com visitas anuais à família em Porto Alegre.

Um dos maiores êxitos de sua carreira se deu em 1943, ao coassinar o tema de abertura da radionovela *Vidas Mal Traçadas*, do fluminense Giuseppe Ghiaroni (1919-2008). Com letra da paraen-

se Scylla Gusmão, a valsa homônima ganhou versões de cantores do primeiro time (Albertinho Fortuna, Vicente Celestino, Carlos Galhardo). Em 1948, voltou às paradas em regravação na voz de do carioca Francisco Alves (1898-1952), o ‘Rei das Multi-dões’, consolidando a reputação de Dante Santoro na esfera autoral.

Esse acabaria sendo um dos seus últimos momentos de brilho. Na década seguinte, a chegada da televisão e os novos caminhos da música

popular brasileira, dentre outros fatores, diminuíram o ritmo de trabalho do Regional de Dante Santoro. Sobrou tempo para gravar em 1955 o seu único LP (o dez-polegadas *Flauta Mágica*) e abrir o bar-restaurant musical Inferno de

Dante no mesmo terreno de sua casa na então erva Barra da Tijuca. Uma pequena crônica no Diário Carioca, em julho de 1959, conferiu tons divertidos ao estabelecimento, especializado em arroz de carreteiro e pescados: “Dante Santoro descobriu



Dante Santoro (segundo à esquerda) em 1964, com Donga, Caymmi e Bonfá

um novo processo de pescaria, sem uso de anzol, isca ou rede. Ele toca sua flauta à porta do restaurante e os peixinhos, por encantamento, vêm pulando e dançando para dentro da panela”. Poesia à parte, o negócio acabou fazendo jus ao nome, com

perrengues diabólicos – dívidas, arrombamento e os eternos “penduras”, muito comuns quando artistas passam ao outro lado do balcão. “Com pena dos amigos que vinham de longe, muitas vezes ele acabava aliviando a conta”, detalha Arthur de Faria.